

CONSTRUAM UM MUNDO NEGRO

BUILD A BLACK WORLD

CONSTRUISEZ UN MONDE NOIR

Rosenverck Estrela Santos

Professor e Coordenador da Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (UFMA). Doutorando em Políticas Públicas (UFMA). Pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) e Núcleo Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (NIESAFRO/UFMA) e do Grupo de Estudos Movimentos Sociais, Questão Social e Identidades - re.santos@ufma.br

Em primeiro lugar quero agradecer profundamente a indicação para ser Paraninfo da primeira turma de Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros do Brasil: turma Maria Firmina dos Reis! Que honra!

É uma honra enorme ter sido convidado para esta cerimônia, mais do que especial. Tanta gente boa nesse curso, tanto professor e professora excepcionais e escolheram a mim com paraninfo. A emoção é gigantesca. Aceitei com o coração cheio de emoção e autoestima esse convite. Mesmo que tenha de vestir essa beca medieval horrível, eu disse: vou vestir, em nome dessa turma, eu visto! Mas, mesmo com essa beca, a emoção de ter sido escolhido por essa turma e de poder fazer esse discurso em homenagem a vocês, me faz tremer as pernas e perder a fala.

Eu digo a vocês: Construam um mundo negro!

Por que como dizia Dona Ivone Lara, sabiamente: um sorriso e um abraço negro sempre trarão a felicidade e a liberdade! Negra, portanto, é e será em nosso país: a voz da verdade, do destino, do amor!

Na atual conjuntura brasileira, onde a brancura do governo e da história recai sobre nossos ombros com todo o peso da violência, mais do que nunca precisamos construir um mundo negro! Não falo da negrura exclusiva da cor da pele. Falo da negritude da solidariedade, da negritude da unidade entre a população negra, indígena e branca na luta contra o racismo. Falo de um mundo negro construído por aqueles que vivenciaram e vivenciam o que é sofrer racismo, violência, opressão, exploração e, por isso, tem o dever ontológico de não permitir que a sociedade continue vivendo esses

processos de exclusão e marginalização. Falo de um mundo negro que teve nos quilombos e em nossa ancestralidade africana, o exemplo impar e original de solidariedade entre os povos e luta por emancipação. Falo de um mundo negro que nós, do curso de Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros estamos construindo sem racismo, sem machismo, sem exploração e opressão.

O nosso curso, não é qualquer curso. Nasceu com um propósito histórico imprescindível: combater o racismo e resgatar os valores, os conhecimentos, a ciência, a luta, a sociabilidade, enfim, as contribuições fundamentais de africanos e africanas, bem como seus descendentes para a civilização mundial. Mas não é um curso etnocêntrico, por isso, também aprendemos a participação dos indígenas, dos asiáticos e dos europeus nesse processo. É um curso, portanto, que não apenas preenche uma lacuna gigantesca na formação de professores no país, mas faz parte de um movimento muito maior de resistência e luta da população negra brasileira. Não há adjetivos que deem conta de caracterizar a importância e necessidade do LIESAFRO. Um curso que já tem história e, por isso, nessa primeira formatura é preciso resgatar essa memória.

Lembro quando a professora Kátia Régis e o Professor Marcelo Pagliosa chegaram ao campus de Pinheiro/UFMA e me fizeram uma proposta: O que tu achas de nós darmos início a construção da primeira licenciatura em História e Cultura Afro-brasileira e Africana do Brasil? Eu disse com a cara assustada: Hein? Deu vontade de dizer: vocês tão doidos! Mas por alguma razão, força, energia, eu disse: Vamos lá! Vamos fazer! O que precisar de mim estou a disposição! Já haviam falado com o Professor Carlão e ele já tinha dado o aval do Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros – NEAB e o seu prestígio como grande intelectual e militante da causa negra, dentro e fora da Universidade. A partir daí, a busca por apoio e conhecimento começaram. Os trabalhos e o sonho começaram! Algo que já existia em Portugal, mas ainda não havia sido pensado para o país de maior população negra fora da África.

Somaram-se nessa luta os professores e professoras Richard, Maria Da Guia, Claudimar, Grace Kelly que participaram das primeiras reuniões para se pensar o projeto. Depois se somou o professor Evaldo que ponderou o nome Estudos Africanos e Afro-brasileiros e todos nós chegamos à conclusão que melhor representava o nosso curso. Não demorou, chegaram novos professores e professoras que são essenciais para

o nosso sucesso: Pollyanna, Sávio, Cidinalva, Viviane, Márcio e Tatiane. Não podemos esquecer os que contribuíram conosco: Fernanda, Claudia, Álvaro, Tereza, Samarone e o grande professor Luizão. Eliana é um caso à parte, pois se o curso não existe sem o trabalho pesado e criativo da professora Kátia Régis em nossa coordenação, a presença de Eliana e sua tenacidade pelo trabalho e amor pelo curso, fez com que avançássemos em ritmo organizado e cuidadoso. Todos devemos gratidão a ela. Nesse processo, o trabalho duro e criativo de nossos docentes proporcionou que chegássemos até aqui. Gostaria de citar o nome de todos e todas que participaram da consolidação do LIESAFRO, mas não conseguiria parar hoje, por isso vou ficar nos nomes só dos(as) professores(as) e alunos(as).

Mas devo agradecer as duas reitorias e suas respectivas pró-reitorias de ensino que desde a formação até o reconhecimento do MEC deram apoio fundamental ao nosso curso. Também agradecemos à direção do Centro Pedagógico Paulo Freire que sempre foi solícita às nossas necessidades. Um agradecimento mais que especial aos(às) professores(as), movimentos sociais e culturais, movimento e intelectuais negros que de alguma forma contribuíram para chegarmos até aqui. Sintam-se abraçados!

Mas todo esse trabalhado não teria nenhuma validade sem o esforço, o brilhantismo, a coragem e o conhecimento das alunas e alunos que hoje se formam. Pessoas necessárias e imprescindíveis nesse mundo, que acreditaram num projeto inovador e confiaram que poderiam ser agentes de transformação de uma história, com muita violência contra o nosso povo, mas de muita resistência também. Costumamos falar que a primeira turma é cobaia. Não gosto desse conceito. O nosso povo foi cobaia durante muito tempo dos racistas e pseudocientistas. Não! A primeira turma de 2015 não é cobaia!

A primeira turma é a soma e multiplicação de mentes e corpos diaspóricos em movimento e busca por emancipação; é a essência de nossa africanidade, de nossa resistência, de nossa sabedoria, de nossa ciência; é a crença de que repensar o currículo, o ensino, a aprendizagem e a prática educativa eurocêntrica é uma necessidade sem volta na educação brasileira e maranhense.

Nem todos estão se formando hoje, mas todos fazem parte desse processo e, certamente, irão se formar no próximo ano, reforçando nosso batalhão pesado contra o

racismo: Airuan, Adeilma, Nando Marley, Joseline, Eliane, Rakel, Yzabela, Márcia, Gilcimara, contamos com vocês!

Por agora, Ayla, Cleonice, Jairo, Jonas, Erik, Elisandra, Elizania, Cristian, Raylane, Janilce, Mayris e Jéssica tenho certeza que vocês não são mais os mesmo quando entraram nesse curso, assim também como os professores não são mais os mesmos. Todos vocês deixarão muita saudade, pois ajudaram na construção de algo, até então impossível de construir num país racista. Deixará muita saudade: a sede de vocês por conhecimento, a participação ativa, as brigas e reivindicações. Foi uma turma corajosa, mas também mimada, disso não sentiremos falta.

Não apenas adquirimos conhecimentos africanos, diaspóricos, indígenas, asiáticos, europeus, afro-brasileiros e produzimos ciência – ou balbúrdia, como diria um certo imbecil – mas, nos tornamos mais humanos, mais fraternos e mais atentos aos processos de discriminação e preconceito em nossa sociedade.

Tenho certeza que ao olharmos para os nossos colegas podemos ver e sentir as diferenças de fala, de estética, de olhar, de sentimento. Continuamos com os nossos defeitos, é claro, e precisamos sempre nos resguardar contra eles, pois fomos educados no machismo, no racismo, na lgbtphobia, no capitalismo com seu individualismo anti-humano. Mas as virtudes do curso e de nosso povo são maiores do que esses processos de desumanização que somos afetados.

Vocês costumam falar que eu fui o primeiro professor a dar uma bronca pesada na turma! Confesso pra vocês, sabe aquele pai que dá uma bronca e logo em seguida, a vontade é de pedir desculpas! Pois é, eu sou esse pai. A minha vontade naquele dia era de voltar do corredor e pedir desculpas e dizer que amava vocês. Mas aguentei firme e forte!

E porque aguentei? Vejam, já dei aula em todos os níveis de ensino. Lembro que quando entrei na Educação básica foi para substituir uma professora que havia sido ameaçada de morte por um líder de gangue na Cidade Operária. Já fui com o meu coração apertado. Mas meu objetivo era me aproximar daquele rapaz negro e conduzi-lo a outro projeto de vida, como um dia o movimento hip-hop fez comigo. Bom, fracassei! Foi o meu primeiro fracasso enquanto professor. O aluno não apenas foi expulso da escola, como foi assassinado e entrou nas estatísticas do genocídio negro. Portanto,

muitas vezes, minha história, como de tantos outros professores era uma história de alegrias, mas de muita angústia quando eu me dirigia para a sala de aula. Com vocês não! Toda vez que eu ia pra turma 2015 dar aula, eu ia com o coração leve e feliz. Eu ia sabendo que nós estávamos construindo um projeto de sociedade e de educação diferenciada e vocês faziam desse projeto um belo caminho [mesmo que às vezes a gente iniciava a aula com uma briga básica sobre ligar ou não o ar condicionado]. No frio ou não, vocês sempre foram maravilhosos!

E nosso curso faz parte dessa história de luta contra a desumanização do ser humano. Cada um de vocês faz parte dessa história bonita. Aliás, essa história linda de aulas, de assembleias, das semanas interdisciplinares, da viagem a Cabo Verde, dos projetos, etc., não seria possível sem o brilhantismo de vocês, agentes dos primeiros e fundamentais passos desse curso imprescindível, como já disse inúmeras vezes.

Depois de vocês, virão centenas e milhares de outros estudantes que se formarão em Licenciados em Estudos Africanos e Afro-brasileiros e disseminarão pelo Brasil afora, uma prática educativa inclusiva e antirracista. Uma prática que certamente construirá um novo mundo e uma nova sociedade, custe o que custar!

Olhem para o lado, olhem para trás e principalmente olhem para frente e vejam: estamos todos e todas fazendo história! Isso é uma dádiva e uma honra imensurável. Parabéns a ousadia negra de todas e todos nós!

Portanto, **Construam um mundo negro, belo e maravilhosamente negro!**

Muito obrigado!